COMUNIDADE PORTUGUESA EM SÃO PAULO: ASSOCIATIVISMO E IDENTIDADE

Alice Beatriz da Silva Gordo Lang
Maria Christina Siqueira de Souza Campos

A peculiaridade da imigração portuguesa no Brasil é por todos conhecida. Um país descoberto, colonizado e governado por Portugal até 1822, quando se tornou independente e inaugurou o Primeiro Império. Um país de mesma língua. Os portugueses que aqui viviam passaram a ser considerados estrangeiros, da mesma forma que aqueles de outras etnias que chegavam, eram imigrantes.

A imigração portuguesa para o Brasil se fez em ciclos, mais e menos numerosos, dependendo das condições políticas e econômicas de ambos os países e também por razões pessoais e familiares. Vieram atraídos inicialmente pelo trabalho na lavoura, mas também para as cidades. Há comunidades portuguesas nos mais diferentes Estados, sendo mais numerosas no Rio de Janeiro e em São Paulo, tanto na capital como em Santos - porto por onde entrava a grande maioria dos imigrantes - e em algumas cidades do interior.

A primeira Constituição Republicana, em 1891, ofereceu a todos os estrangeiros presentes no País a nacionalidade brasileira, desde que não se manifestassem em contrário. Portugueses continuaram a chegar como imigrantes.

OBJETIVO – REFERENCIAL TEÓRICO – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo deste texto é analisar as instituições fundadas por imigrantes portugueses em São Paulo, procurando mostrar como elas evidenciam os traços mais marcantes da cultura de origem da comunidade luso-brasileira, especialmente no que se refere à identidade e ao associativismo, bem como à religiosidade e à integração social. Assim, as reflexões aqui apresentadas abordam a questão do *associativismo e da identidade,* sendo questões que remetem à *estratificação* da comunidade portuguesa de São Paulo no momento atual.

A perspectiva é sociológica, focalizando grupos e relações e sociais. O estudo foi norteado pelos conceitos de *migração, associativismo e identidade.* A integração é vista como um *continuum* que tem em um dos extremos a integração total na sociedade de acolhimento e no outro a permanência do sentimento de pertença ao país de origem; são consideradas tanto a *identidade* coletiva como a pessoal, vistas como um processo.

Neste estudo parte-se da consideração do conceito *migração c*omo o deslocamento de pessoas no espaço físico e cultural, para a permanência definitiva ou por longo tempo. Tratando-se do movimento migratório para outro país, distinguimos a emigração e a imigração, correspondendo a primeira à saída do país de origem e a segunda, ao período que se segue à entrada no país de acolhimento.[1] É um processo que se desenvolve segundo várias fases: a decisão de partir e os preparativos no país de origem; a viagem vista como um marco de passagem; a inserção no país de acolhimento destacando os primeiros tempos e o momento da decisão de permanecer ou regressar. No primeiro caso há a inserção definitiva. No caso do regresso e reinserção no país de origem, fecha-se o percurso migratório.[2]

O *associativismo*, considerado numa perspectiva da linguagem corrente, é a tendência que os indivíduos têm de se agruparem para atingirem objetivos comuns e resolverem problemas, o que seria mais difícil de alcançar individualmente. Há diversos fatores intervenientes, quando se parte da concepção do associativismo enquanto fonte de capital social.[3] O associativismo é uma forma de adquirir capital social que, por sua vez, pode constituir-se em oportunidades de mobilidade social. Há claramente uma vantagem para os imigrantes em se associarem a seus conterrâneos, funcionando as organizações por eles fundadas como redes sociais de auxílio mútuo, que extravasam a estrutura familiar. Esse apoio mútuo acaba por favorecer o sucesso pessoal e possibilita a ascensão social, à medida que permite aos indivíduos melhorar as condições de vida e elevar seu status social.[4]

A socióloga portuguesa Maria Beatriz Rocha-Trindade chama a atenção para o crescente interesse nos tempos atuais pelos estudos sobre "identidade", devido à consciência atual do direito à diferenciação e à afirmação cultural de grupos e comunidades minoritárias. Como Rocha-Trindade salienta nesse texto, na base de tal consciência estão dois conceitos em oposição, identidade e alteridade, isto é, o sentimento de cada um de que pertence a um determinado grupo e seu reconhecimento de que existem outros grupos, diferentes dele. Assim, nos tempos atuais, são frequentes os grupos multiétnicos, multiculturais e ideologicamente distintos, em virtude dos deslocamentos humanos, que podem ser por um tempo determinado ou de natureza mais permanente, como os movimentos migratórios. O passar do tempo leva certamente os imigrantes à adoção de muitos elementos da cultura do país em que estão residindo, dando origem ao que

1 SAYAD, 1998.

2 ROCHA-TRINDADE, 1995.

3 BOURDIEU, 1979.

4 ALBUQUERQUE, 2008.

Rocha-Trindade denomina de "recriação da identidade".[5] Crescer e ser educado num país diferente daquele de seus pais leva, sem dúvida, à incorporação, de forma bem evidente, de traços da cultura do país de adoção, mas ainda se pode verificar a situação de alguém que está com o pé em duas canoas, sendo, nesse caso, bem presente o sentimento de pertença a duas culturas distintas.

Hall[6] trata de um conceito ligado às migrações, a *identidade étnica,* que é visto por ele como sendo um processo identitário e não como algo constituído ou naturalizado. Lévi-Strauss[7] chegou a afirmar que o conceito de identidade não deveria ser construído sobre uma fundamentação empírica, mas simbólica e cultural. Hall[8] define etnia como as "características culturais - língua, religião, costumes, tradição, sentimento de lugar - que são partilhados por um povo". Prosseguindo em suas considerações, diz que a identidade étnica vai se reconstruindo e reconfigurando ao longo do processo histórico, não havendo possibilidade de entendê-la como algo dado, definido definitivamente desde o começo da história de um povo. A projeção dos membros de um grupo nas identidades culturais, ao mesmo tempo em que são internalizados seus significados e valores, tornando-os parte de cada um, tem com consequência vincular os próprios sentimentos subjetivos aos lugares objetivos que ocupam no mundo social e cultural.[9]

Para o estudo movimento migratório, propõe o sociólogo português Paulo Filipe Monteiro (1994) que o pesquisador "viaje com o imigrante" para bem compreendê-lo. A História Oral possibilita conhecer essa experiência pela voz dos próprios imigrantes. Trabalhamos com a História Oral, recorrendo a outras fontes de forma complementar: *fontes escritas,* como dados censitários, imprensa e publicações da comunidade; *imagens e outras fontes orais,* como programas radiofônicos.

A *história oral* trabalha com documentos construídos por meio da voz de pessoas que viveram a situação em estudo ou podem falar dela. São entrevistas gravadas, transcritas e editadas. Trata-se de um diálogo, conduzido a princípio pelo pesquisador segundo os objetivos da pesquisa. Contudo, pode levar a caminhos não previstos, levantar novos problemas, dar a conhecer outras situações. Pode levar à inclusão de questões e até mesmo à reformulação do projeto. Cabe ao pesquisador saber ouvir.

---

5 ROCHA-TRINDADE, 2006: 90.

6 HALL, 1997.

7 Lévi-Strauss, 1987.

8 Hall, 1997: 67.

9 HALL, 1997.

Pelo caráter dialógico, a entrevista de história oral traz modificações: no pesquisado que organiza sua memória, relembra fatos, revive e avalia sua história. Também no pesquisador, que não é o mesmo na primeira entrevista e nas demais, aprofundando-se no tema estudado e conhecendo pessoas e vivências de especial interesse. Trata-se de uma valiosa experiência e muito aprendizado.

Uma questão que se coloca é *quem* entrevistar. A resposta foi buscada no objetivo do projeto: delinear a comunidade portuguesa de São Paulo no século atual, conhecer as principais instituições hoje existentes e apreender a identidade e a trajetória dos membros dessa comunidade. A opção foi tomar como referência as instituições portuguesas de diferentes setores hoje existentes e entrevistar pessoas que participam de sua direção.

O ASSOCIATIVISMO

Tendo por base o pensamento teórico sobre associativismo exposto anteriormente, neste trabalho serão abordadas as instituições mais amplas da comunidade portuguesa em São Paulo, entre as quais aquelas voltadas para a saúde (*Beneficência Portuguesa*, *Centro Trasmontano* e *Sociedade Beneficente Vasco da Gama*), o esporte (*Associação Portuguesa de Desportos*), a economia (*Câmara Portuguesa*), a vida religiosa (igrejas) e as de caráter mais geral, como a *Casa de Portugal* e o *Conselho da Comunidade Luso-Brasileira*; as associações regionais serão expostas de forma mais sucinta, dando-se maior destaque à análise dos traços mais importantes que as distinguem.

No século XIX, a cidade de São Paulo tinha menos de 30.000 habitantes. Os doentes pobres, brasileiros ou imigrantes, eram tratados nas Santas Casas de Misericórdia, que não tinham possibilidade de atender a todos os que as procuravam. Essas instituições existiam desde os primeiros tempos da colonização. Seguiam a tradição de filantropia que existia em Portugal desde o tempo de D. Afonso Henrique (1110-1185). A cidade de São Paulo no século XIX tinha menos de 30.000 habitantes. Os doentes pobres, brasileiros ou imigrantes, eram tratados nas Santas Casas de Misericórdia, que não tinham possibilidade de atender a todos os que as procuravam. Foi essa semente trazida ao Brasil, tendo sido criada a primeira Santa Casa em Santos, em 1542. Outras se seguiram. A de São Paulo foi criada por volta de 1560, obra da Irmandade de Misericórdia já existente em São Paulo. A trajetória dessa Irmandade é longa e ampla e está, desde o início de suas atividades, atrelada ao crescimento da cidade de São Paulo.[10]

10 A Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro é anterior à de São Paulo. O projeto, que visava dar atendimento aos imigrantes portugueses desamparados, data de 1840, quando foi aprovada uma proposta no Gabinete Português de Leitura. O Hospital São João de Deus foi inaugurado em 1858. Cabe observar a originalidade da proposta, dado que as sociedades de ajuda mútua datam do final de século XIX.

O associativismo da comunidade portuguesa tornou-se manifesto na cidade de São Paulo desde o século XIX, quando três caixeiros portugueses (hoje diríamos vendedores de lojas), decidiram reunir outros portugueses para fundar uma casa de saúde e, assim, em 1859, criaram a *Beneficência Portuguesa*, hoje um hospital de referência. O início foi uma sociedade modesta, criada para auxiliar portugueses de origem humilde. Esses caixeiros viajantes trabalhavam em uma tradicional casa de venda de tecidos, a Casa Paiva. A ideia ganhou adeptos e iniciaram uma lista de adesão. A fundação da sociedade, que se chamou Beneficência Portuguesa, foi a 2 de outubro de 1859, assinando a ata 149 homens e dezenove mulheres. Foi eleita a primeira diretoria, tendo por Presidente Joaquim Lopes Lebre, Conde de São Joaquim.

O estatuto previa amplo atendimento, tendo como objetivos: "procurar emprego e trabalho; prestar alimentos e socorros àqueles que estiverem impossibilitados de obterem subsistência por meio de seu trabalho; ministrar aos enfermos o auxílio necessário; dar sepultura aos que falecerem sem recursos; auxiliar os sócios que tiverem de sair da província ou do país".[11]

Era uma sociedade beneficente cujos recursos provinham da mensalidade dos associados. Médicos e advogados ofereciam gratuitamente seus serviços, não apenas em questões de saúde, mas também para repatriação, colocação de trabalho e fornecimento de remédios e alimentos. A assistência médica passou a ser prioritária e, em 1864, os 290 associados conseguiram comprar um terreno para a construção do hospital, na Av. São João. O terreno foi trocado por um maior na Rua Alegre, atual Brigadeiro Tobias, 343.

Contando com a contribuição dos associados, foi iniciada a construção do Hospital São Joaquim, sendo ainda presidente e continuando por várias gestões o Conde de São Joaquim. A inauguração do hospital foi no dia 20 de agosto de 1876, dia de São Joaquim. O hospital teve participação importante no tratamento de atingidos pela epidemia de febre amarela. Em 1886 recebeu a visita do Imperador D. Pedro II. O Rei de Portugal, D. Carlos I, concedeu à Beneficência o título de Real e Benemérita, em 1901. Em 1918, quando a cidade de São Paulo foi atingida pela gripe espanhola, a Beneficência destacou-se no tratamento aos doentes. A cidade crescia e também a procura pelo hospital. Uma ampliação se fazia necessária. Em 1936 foi comprado o terreno da Rua Maestro Cardim, no bairro Paraíso. Mas as obras do novo hospital só tiveram início em 1945.

Os presidentes da Beneficência eram portugueses até 1951, quando foi eleito um brasileiro: José Ermírio de Moraes (1951-1963), genro do Comendador Antônio Pereira Inácio, um dos próceres da comunidade portuguesa. Foi sucedido por Abílio Brenha da Fontoura (1963-1971), seguindo-se a gestão de Antônio Ermírio de Moraes (1971-2009) e, a seguir, a de seu filho Rubens Ermírio de Moraes, a partir de 2009.

---

11 CALDEIRA, s/d: 39.

A obra da construção do novo hospital teve início na gestão de José Ermírio de Moraes. O grande esforço para a construção contou com o empenho de abnegados portugueses que percorriam o comércio com um livro de ouro, conseguindo doações para a construção do primeiro pavilhão do hospital atual da Rua Maestro Cardim. A Beneficência Portuguesa continuou a crescer tanto em termos de instalações como no desenvolvimento de tecnologia de ponta. Assim, em 2009, foi adicionado ao conjunto hospitalar mais uma unidade, o Hospital São José. Conta hoje com quase 2.000 leitos, sendo um dos maiores e mais modernos complexos hospitalares da América Latina. Possui cinco blocos na Unidade Hospital São Joaquim, na Rua Maestro Cardim, além da Unidade Hospital São José.

A Real e Benemérita Sociedade Beneficente de São Paulo é, certamente, uma enorme contribuição da comunidade portuguesa para São Paulo e para o Brasil. Também em outras cidades do interior do Estado de São Paulo, Beneficências foram criadas por portugueses: Amparo, Campinas, Ribeirão Preto, Santo André, São Caetano do Sul e São José do Rio Preto.

A *Sociedade Beneficente Vasco da Gama,* atualmente com dois hospitais - Montemagno e Bosque da Saúde - foi fundada a 20 de maio de 1898, por um grupo de imigrantes portugueses como uma associação beneficente de ajuda mútua.

Naquela época de grandes e constantes fluxos migratórios internacionais da Europa para a América, contingentes de várias nacionalidades chegavam ao Brasil e, em particular, a São Paulo. No bairro do Brás predominavam as famílias de portugueses, italianos e espanhóis. As condições de trabalho eram difíceis e não havia legislação que protegesse os trabalhadores. Assim, a organização de uma entidade como associação de ajuda mútua foi muito significativa para os imigrantes oriundos de Portugal que viviam em São Paulo.

Comemoravam-se nessa ocasião os 400 anos da chegada do navegador português Vasco da Gama à Índia. Como forma de homenagem ao navegador e à Pátria, essa associação recebeu o nome de Associação Portuguesa Beneficente Vasco da Gama. A primeira sede própria só se tornou realidade no ano de 1903, à Rua Dona Antônia de Queiroz. Durante 79 anos, essa sede concentrou todas as atividades da instituição.

Foi em 1918 que a grande solidariedade do povo português se fez sentir na cidade de São Paulo, assolada pela epidemia da gripe espanhola que, então, ceifava muitas vidas. A Associação Portuguesa Beneficente Vasco da Gama abriu suas portas à população em geral, colocando suas instalações e seus recursos à disposição dos enfermos e contribuindo, assim, para salvar muitas vidas. Foi por isso que as autoridades municipais, a título de homenagem, deram o nome de Vasco da Gama à rua onde se situava a sede da Associação. Em maio de 1982, a Associação instalou-se no atual prédio da Rua Cesário Alvim, no bairro do Belenzinho, onde até hoje atende a seus associados.

Juntamente com outras associações regionais que não sobreviveram, na década de 1930 foi fundado, em 28 de maio de 1932, o *Centro Trasmontano*, que se transformou em um bem sucedido plano de saúde que possui hoje um grande hospital, o IGESP,[12] mantendo ainda algumas atividades sociais para os trasmontanos.

A iniciativa da fundação desse centro foi de um grupo de imigrantes portugueses da região de Trás-os-Montes, no Norte de Portugal, acima do Rio Douro. Esses portugueses vieram para o Brasil no período posterior à II Grande Guerra, deixando um país empobrecido e buscando novas oportunidades. A associação criada era uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, para garantir tratamento de saúde aos imigrantes portugueses, tratamento estendido posteriormente a não portugueses. A sede da entidade, até 1938, era na Rua Tabatinguera, 294, desenvolvendo-se como um Plano de Saúde. Foi só em 1986 que foi permitido o ingresso de não portugueses nos seus quadros.

O livro *Trasmontano: uma história de bravura*, de Edna Fátima Pereira da Silva (2011), conta os desafios que foram vencidos até chegar à situação atual, quando é reconhecido como um plano de saúde de expressão, contando, além do Hospital IGESP, com quatro pontos de atendimento ambulatorial. Desenvolve programas especiais dentro da ideia de Medicina Preventiva, como o Projeto Saúde Integral para proporcionar melhor qualidade de vida, oferecendo lazer e entretenimento à terceira idade, que inclui aulas de pintura, organização de viagens, passeios a museus e lugares próximos à capital, bem como tardes de jogos de mesa. Fazem regularmente o monitoramento de doenças crônicas. Alguns dados estatísticos permitem se ter uma ideia da abrangência do *Centro Trasmontano*: 100.000 associados, dos quais 10.000 frequentam suas atividades pelo menos de vez em quando e 5.000 o fazem constantemente. São 500 os funcionários, incluindo o setor operacional e o corpo médico. É possível perceber a participação muito ativa do Centro Trasmontano de São Paulo, ao promover campanhas para levantamento de fundos, eventos sociais animados por fadistas e pelo Grupo Folclórico.

Além do setor de saúde, os portugueses criaram instituições voltadas a outros objetivos que permanecem ativas até hoje. No início do século XX, fundaram a Câmara Portuguesa de Comércio, o Clube Português e a Portuguesa de Desportos. A **Câmara Portuguesa** nasceu a 23 de novembro de 1912, alojada nas salas do Consulado de Portugal em São Paulo, então na Rua de São Bento, 21.

Documento datado de 12 de novembro de 1913 traz o nome de Thomaz Saraiva como presidente da diretoria eleita, sendo, portanto, o primeiro nome constante nos registros na presidência da entidade. Seus estatutos foram aprovados pelo governo português a 21 de fevereiro de 1914. Em janeiro de 1916, já saía a primeira edição do Boletim da Câmara Portuguesa de Co-

12 O hospital IGESP, originalmente, era chamado Instituto de Gastrenterologia de São Paulo, de onde vem a sigla IGESP, mas, aos poucos, foi ampliando seu alcance e, atualmente, atende a todas as especialidades.

mércio, Indústria e Arte de São Paulo, com trinta páginas. A publicação, de distribuição gratuita, existe até hoje, agora com o nome de Câmara Portuguesa em Revista. Nesse mesmo ano a Câmara Portuguesa inaugurou sua nova sede, no mês de abril, também na Rua São Bento, n° 29-B.

Em 1921 a Câmara Portuguesa mudou mais uma vez seu endereço, deixando a Rua São Bento para se instalar no Largo de São Francisco, n° 5. Foi para lá que também se mudou o Consulado de Portugal, pouco depois, em janeiro de 1922. Em 1934 foram reconhecidos pelo governo português e publicados no Diário do Governo, em 12 de março, os novos Estatutos da Câmara Portuguesa, mas que somente mais tarde foram reconhecidos pela entidade. Isso evidencia a estreita relação que a Câmara Portuguesa - na ocasião denominada Câmara Portuguesa de Comércio - mantinha com Portugal.

Em 1930 Getúlio Vargas assumiu ditatorialmente o governo brasileiro, tomando várias medidas de caráter autoritário. Em 1938, a publicação do Decreto-Lei nº 383, lei federal que proibia as publicações associativas de inserirem anúncios, levou à suspensão da edição do Boletim da Câmara Portuguesa. No ano de 1952 uma Comissão Especial apresentou à Assembleia Geral Extraordinária a reforma dos Estatutos da Câmara, que datavam já de 1934, tendo sido aprovada. Por essa época notava-se uma decadência das atividades da Câmara, que só conseguiu se reerguer com a gestão de Valentim Diniz (1967-1980).

No intuito de dar maior impulso a suas atividades e conquistar maior adesão dos empresários, em 1969, a Câmara organizou, no mês de agosto, a primeira Missão Econômica Paulista, que visitou diversas cidades de Moçambique e de Angola, assim como Lisboa, para divulgar as oportunidades econômicas que a capital paulista oferecia. Com essa mesma intenção de ampliar suas atividades, a partir de 1984, a Câmara Portuguesa passou a promover almoços bianuais com palestras de impacto e a participação mais ativa nos programas ou eventos luso-brasileiros. Nesse mesmo ano também voltou a publicar o Boletim informativo. Atualmente sua atuação é no sentido de Portugal no Brasil, dando destaque às pequenas e médias empresas. Promove regularmente encontros informais num bar do Itaim, procurando dar apoio aos profissionais portugueses que chegaram a partir de 2008. A Câmara está também atuando no sentido de divulgar, entre os profissionais portugueses que aqui estão chegando para procurar um lugar qualificado de trabalho, uma visão real do Brasil e das diferentes regiões, de modo que esses acadêmicos não fiquem concentrados somente em São Paulo.

Diversos canais de comunicação têm sido utilizados pela Câmara para entrar em contato com seus associados: revista NAU'S, redes sociais, site sempre atualizado e o Boletim Informativo, de periodicidade semanal.

No aniversário de 87 anos da Câmara Portuguesa, em 1999, foi criado o título de Personalidade do Ano, atribuído ao então presidente da Telesp Celular, José Manuel Romão. Em 30 de novembro desse ano, foi lançado o primeiro Anuário da Câmara Portuguesa. No dia

19 de julho de 2000, a Câmara Portuguesa assumiu a presidência da Eurocâmaras. Grande evento em 2003 reuniu na Câmara mais de mil pessoas por ocasião do seu 91º aniversário, cujo convidado de honra foi o então presidente da República de Portugal, Jorge Sampaio.

Em 2007 a cerimônia de aniversário da entidade teve como convidado de honra o ministro português Mario Lino e, em setembro de 2009, organizou a Rodada de Negócios Copa 2014, evento pioneiro sobre a Copa de 2014 que marcou as atividades da instituição pela sua abrangência na mídia e por sua relevância e magnitude. Logo no ano seguinte, em 2010, a Câmara Portuguesa realizou uma reforma total de suas instalações, lançando, em junho, seu Centro de Mediação e Arbitragem.

Várias homenagens foram sendo prestadas nessa ocasião a personalidades de destaque tanto do governo brasileiro como português. No ano de seu centenário, ansiando por caminhar de acordo com o ritmo de desenvolvimento da economia moderna, a Câmara Portuguesa, no empenho de se modernizar, e relançou, em 2012, sua imagem associada ao conceito POR+. Redesenhou-se e incorporou à sua marca a insígnia "POR+". "POR", de Portugal, que, associado ao símbolo "+", representa o conjunto de objetivos pelos quais a Câmara Portuguesa trabalha: POR+ Negócios, POR+ Contatos, POR+ Visibilidade, POR+ Eventos, POR+ Convívio, POR+ Internacionalização, por fim, POR+ Brasil e Portugal. Como a própria instituição centenária, proclama, a Câmara Portuguesa é, portanto, POR+.

O acompanhamento da história da Câmara Portuguesa evidencia claramente como foi crescendo e se modernizando para se adequar às novas condições da economia globalizada vigentes no mundo atual.

É interessante assinalar que foi em sua sede, em reunião realizada no dia 14 de agosto de 1920, que se decidiu pela criação da Associação Portuguesa de Desportos, tendo, durante algum tempo, a sede da Portuguesa se localizado na própria sede da Câmara.

A *Associação Portuguesa de Desportos* surgiu de forma diferente da de outras agremiações esportivas, pois é originária da fusão de cinco clubes já existentes, todos relacionados à comunidade portuguesa paulistana da época. Esses clubes eram Luzíadas Futebol Club, Associação 5 de Outubro, Esporte Club Lusitano, Associação Atlética Marquês de Pombal e Portugal Marinhense. O pedido de filiação da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) foi deferido no dia 2 de setembro, mas, como não havia tempo para a inscrição no campeonato daquele ano, a Portuguesa fundiu-se ao Mackenzie, já inscrito, tendo participado juntos do campeonato de 1920. A Associação Atlética Mackenzie foi o primeiro clube de futebol brasileiro, fundado em 1898 por estudantes do Mackenzie College e só tinha a participação dos estudantes dessa instituição educacional. Essa junção, que disputava os torneios da APEA, funcionou por dois anos, até 1922. Em 1923, a Portuguesa desligou-se do Mackenzie e passou a disputar jogos com sua própria denominação.

Em 1922 comprou as instalações da Praça de Esportes União Artística Recreativa Cambuci, inauguradas em 1925, mas só passando a efetivamente ser utilizadas para jogos a partir de 1926. Neste último ano, foi realizada a primeira festa junina, seguindo a tradição portuguesa, festa essa que, nessa época, se chamava Festa Joanina, por acontecer sempre na noite de São João (dia 24). Mais tarde, passou a se denominar Festa Junina, com a celebração festiva também de Santo Antônio (dia 13) e São Pedro (dia 29).

Mas nem tudo foram rosas na história da Portuguesa. Em 1927 a associação viveu uma grande crise e convocou uma assembleia geral para discutir a situação, inclusive a possibilidade de encerramento de suas atividades. O português Carlos de Castro, após ouvir todos os presentes, tomou uma decisão firme, proclamando que, se a Portuguesa tivesse de ser fechada, que o fosse pelas mãos de um português. Mas lutou bravamente e conseguiu reerguer o clube.

Presidentes de grande projeção, tanto de origem portuguesa como brasileira, chefiaram a entidade esportiva. Entre os esportes mais praticados no clube, além do futebol, citam-se o hóquei sobre patins, o pingue-pongue, boxe e o basquete, este mais no início das atividades do clube.

Para melhorar suas instalações, em 1929, no nono aniversário do Clube, foi adquirido um terreno no bairro do Ipiranga, na Avenida Tereza Cristina. A seguir, a sede passou para o Largo de São Bento, bem no centro de São Paulo, numa época de grandes conquistas esportivas. Foi em 1940 que recebeu sua denominação mais conhecida, Associação Portuguesa de Desportos, com sede à Rua Cesário Ramalho. A repercussão de suas vitórias nessa época resultou a 17 de setembro de 1954 ter recebido o título de Dama da Ordem Militar de Cristo da parte do governo português. Em 1956 a Portuguesa adquiriu o atual espaço do Canindé. Assim, a partir de 1957, as festas juninas passaram a ser realizadas no Estádio do Canindé.[13] Em termos de resultados efetivos de seu time de futebol, a Lusa teve momentos de altos e baixos. Foi, entretanto, sempre capaz de lutar para se reerguer e, na disputa do *Campeonato Brasileiro Série B de* 2011, a Portuguesa jogou um futebol tão destacado e de toque de bola tão refinado e ofensivo, que ganhou o apelido de Barcelusa, numa comparação com o *Futbol Club Barcelona*, time que tem mostrado nas partidas disputadas essas características de jogo. A comparação feita entre a Portuguesa e o Barcelona foi tão grande que as notícias se espalharam pelo mundo e fizeram com que repercutissem notícias da Portuguesa em grandes jornais da Espanha, comparando o estilo de jogo da Lusa com o do Barça.

13 Atualmente a Portuguesa de Desportos está vivenciando outra crise, pois foi rebaixada para a série B novamente no Campeonato Brasileiro de 2013, por ter escalado irregularmente um jogador numa partida do final desse torneio.

A *Casa de Portugal de São Paulo* foi fundada no dia 15 de julho de 1935, sendo definida como instituição cultural e de assistência. A recessão mundial que se iniciou com a queda da bolsa de Nova York em 1929 trouxe uma crise sem precedentes em todo o mundo e um grande desemprego. Muitos eram os imigrantes portugueses que passavam grandes necessidades, sendo desses anos a iniciativa de fundação de associações cuja finalidade seria ampará-los. Assim, na década de 30, algumas associações regionais foram fundadas na capital paulista.

A iniciativa para a criação da *Casa de Portugal* partiu de um grupo de portugueses que representavam cinco associações e que se reuniram no dia 9 de julho de 1935: União Transmontana, Centro do Minho, União Portuguesa, Centro Beirão e Centro do Douro. Foi enviada uma carta-convite a todas as associações portuguesas e a elementos de destaque na colônia para uma reunião no dia 13 seguinte, quando então se oficializou a fundação da Casa de Portugal.

Como uma *casa mater*, a *Casa de Portugal* deveria incorporar e fundir todas as associações luso-brasileiras da capital, prover assistência aos imigrantes portugueses em todos os níveis, defender e promover a cultura e o idioma português.

As atividades da Casa de Portugal tiveram início na *Casa do Minho*, passando para sedes alugadas, até chegar à sede própria. O terreno da Rua da Liberdade, 641 foi comprado em 2 de julho de 1943, com empréstimo bancário e por meio de angariação de fundos junto a associados para fazer face à dívida assumida; nessa ocasião foi também adquirido o imóvel contíguo, de número 602.

Em 1944, a Casa de Portugal instituiu a *Ordem do Mérito Infante D. Henrique* para demonstrar reconhecimento a cidadãos que desenvolveram ação eficiente no relacionamento luso-brasileiro, assim como aos que contribuíram para a construção da sede própria. Campanhas financeiras foram realizadas, a sede construída e finalmente inaugurada a 27 de dezembro de 1955.

A Casa de Portugal correspondia ao sonho do arquiteto Ricardo Severo que, em 1918, assim a imaginava: "...casa em estilo português, e com uma porta tão ampla, que por ela caibam quantos portugueses haja na Colônia.".[14]

Hoje ela abriga em suas dependências a Câmara Portuguesa, o Conselho da Comunidade Luso-Brasileira e as instituições de auxílio aos imigrantes carentes, ASEC e ASIC, organizadas pelo Consulado de Portugal.

O *Conselho da Comunidade Luso-Brasileira (CCLB)* foi fundado só na década de 1980, por iniciativa de Valentim Diniz. É muitas vezes confundido com o Conselho das Comunidades Portuguesas, o CCP, que é um órgão de consulta do governo português com sede em Lisboa. Foi o CCP que deu inspiração a que, em São Paulo, se criasse o Conselho da Comunidade Portuguesa, do mesmo modo que no Rio e no Paraná também. Estes dois últimos órgãos

14 VERDASCA, 1935: 133.

não persistiram, mas em São Paulo foi transformado numa entidade aglutinadora de associações. Existe até hoje, mantendo colaboração com o CCP de Portugal. A mudança de nome para Conselho da Comunidade Luso-Brasileira, em 1994, foi devida ao fato de a comunidade luso-brasileira de São Paulo, hoje, existir efetivamente, sendo forte e abranger as culturas do Brasil e de Portugal, com uma base na amizade presente tanto entre os dois países como entre as populações. Entre seus muitos objetivos elencados em seu estatuto, citam-se os mais importantes: congregar a ação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras de todo o Estado de São Paulo e fomentar as iniciativas que visem valorizar o desenvolvimento e melhoria dos portugueses e seus descendentes; defender, preservar e representar o movimento associativo luso-brasileiro em todas as atividades socioculturais, científicas e empresariais, vinculadas a esse movimento; representar e defender os interesses da Comunidade Luso-Brasileira do Estado de São Paulo junto às autoridades portuguesas e brasileiras; defender, difundir e conservar os valores históricos, artísticos e culturais do Brasil e Portugal; promover eventos culturais de interesse da Comunidade Luso-Brasileira; promover o estudo de problemas de interação relacionados com a Comunidade Luso-Brasileira, apresentando propostas, sugestões e atividades, objetivando estimular fraternal convívio perante os governos dos dois países; estimular, apoiar e ajudar todas as iniciativas, para tal fim, das associações filiadas. Estão filiadas à CCLB as associações fundadas pelos portugueses em São Paulo, assim como os grupos folclóricos a elas ligados.

Uma instituição criada pela comunidade portuguesa de São Paulo para dar apoio a imigrantes portugueses carentes é o *Lar da Provedoria*, que está situado na Rua Sezefredo Fagundes, 6170, Jardim Tremembé, em um terreno de 23.000m². Entra-se por um portão de ferro, alto e bonito, uma alameda arborizada leva à casa principal. É uma ampla construção térrea, que dá uma impressão muito agradável ao visitante. Há uma sala na entrada e várias portas. Uma é da enfermaria e a seguir está o consultório médico. Outras portas dão entrada às alas. Nessa parte central há uma ampla cozinha, a sala de refeições e a sala de TV. Há uma sala menor, com outra TV, mesas e uma pequena estante com livros. Há também uma enfermaria com três leitos. Há três alas ligadas à principal. Em cada ala, um pátio interno ajardinado, rodeado por corredores onde estão as portas dos quartos.

O Lar da Provedoria foi idealizado por um grupo de portugueses, em reunião realizada a 12 de fevereiro de 1968, a pedido do Consulado de Portugal, para dar abrigo para portugueses carentes, que vieram para o Brasil e não conseguiram realizar o seu sonho ou desafio para conseguir amealhar certo montante de recursos que lhes permitisse viver em condições dignas. Vários trabalharam sem registro na carteira profissional e, ao fim da vida profissional, se viram sem aposentadoria ou outras fontes de bens. O terreno foi doado por um membro da comunidade portuguesa de São Paulo. A obra começou em 1974 e em 1978 foi inaugurada uma ala

do Lar da Provedoria, que abrigava em torno de 30 a 40 pessoas. A 10 de junho de 2004, com apoio do governo português, conseguiram finalizar a obra, dobrando sua capacidade para 98 idosos. Essa obra é fruto de um subsídio do governo português por intermédio do Consulado de Portugal, por iniciativa do embaixador Luís Manuel Barreira de Sousa.

O Lar somente recebe idosos que estejam em estado físico e mental satisfatório, possibilitando independência. Em 2011, quando foi feita a visita, cinquenta e sete idosos residiam no Lar sendo cuidados por vinte funcionários. Além do gerente-administrador, há uma enfermeira-padrão e um corpo de enfermagem e de apoio. Um médico geriatra dá consultas uma vez por semana.

Alguns moradores que têm condição financeira um pouco melhor ou dispõem de benefícios (aposentadoria, por exemplo) contribuem. A Provedoria tem-se mantido com a ajuda financeira e material de sócios contribuintes, de simpatizantes, de colaboradores, com o resultado de eventos beneficentes, como jantares, chás, bingos, além do apoio de empresas comprometidas com o social. Há contribuintes, inclusive, que fornecem gêneros alimentícios, com exceção de poucos que são adquiridos com recursos da instituição. O perfil do Lar é o de uma Casa de Repouso, moradia para idosos carentes.

Paralelamente ao Lar da Provedoria existem duas instituições que funcionam nas dependências da Casa de Portugal e com seu apoio bem como do Consulado Português de São Paulo, ASIC (Apoio Social a Portugueses Carenciados) e ASEC (Apoio Social a Emigrantes Carenciados). Todos que procuram auxílio são atendidos, não importando a idade nem o motivo da procura. Depois de montado um processo, embasado por vários documentos é tomada a decisão sobre a necessidade ou não de auxílio ao imigrante. Trata-se, em geral, de idosos que, por não terem sido registrados quando trabalharam mais jovens, hoje não dispõem de aposentadoria. Nunca foram orientados a tirarem carteira profissional quando iniciaram a atividade de trabalho. Ao completarem 65 anos de idade, muitos procuraram o INSS, mas só nesse momento foram informados de que, sendo estrangeiros, não tinham direito à aposentadoria oficial. Esse fato leva a maioria a procurar o apoio social do Consulado Português, que procura verificar a situação particular de cada um, visitando-os em sua moradia, registrando as condições de vida e, sempre que o caso mostrar grande necessidade sem possibilidade de auxílio por parte de parentes, é encaminhado um relato social ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do governo em Portugal, pedindo apoio à pessoa necessitada. Geralmente demora um ano até chegar a resposta e, se for aprovado o processo, ele passa a receber 171 euros a cada três meses, o que perfazia uma quantia em torno de R$ 396,00, conforme estava o valor do euro ($2,315 na época[15]). Em caso de imigrantes abaixo

15 Valor disponível no site: http://www.yahii.com.br/eurodiario11.html

dos 65 anos, homem ou mulher, que estão em situação de extrema carência, necessitando de algo específico: uma prótese, uma órtese, um aparelho auditivo, óculos, tratamento de câncer ou, então, hanseníase, medicamentos que o Estado não fornece para o atendimento a necessidades especiais. Também nesse caso a pessoa procura o serviço de apoio no Consulado, que faz um relato social sobre o mesmo, através do ASEC – Apoio Social a Estrangeiros Carenciados –, relato esse que também é enviado para Portugal.[16]

O ASSOCIATIVISMO REGIONAL

A grave crise financeira de 1929 e a consequente recessão mundial geraram turbulências de âmbito mundial. Muitos eram os imigrantes portugueses que passavam grandes necessidades, sendo desses anos a iniciativa de fundação de associações com a finalidade de ampará-los. Assim, nos anos 1930, portugueses oriundos de uma mesma região, passaram a se reunir pelo desejo de relembrar a terra de origem e, paralelamente, auxiliar aqueles que viviam em dificuldades. Eram provenientes da região do Minho, do Douro, das Beiras e de Trás-os-Montes. A maioria dessas entidades não alcançou os dias atuais, se excetuarmos o Centro Trasmontano, que, por ter evoluído para um plano de saúde, teve bastante sucesso e se expandiu.

Nas décadas de 1940, 1950 e 1960, nenhuma associação regional foi criada, apesar de ter sido grande o fluxo de imigrantes portugueses para o Brasil de 1950 a 1963. Pode-se supor que os imigrantes esperam se encontrar em situação mais estável para poderem se associar. O início das associações regionais costuma ser semelhante. O encontro de imigrantes procedentes da mesma região para bater papo, trocar informações sobre a aldeia de origem e transmitir notícias trazidas por pessoas recém-chegadas leva à discussão da possibilidade de se criar uma associação que possa congregar os oriundos do mesmo lugar e lhes dar apoio. Assim surgiram diversas entidades, como a Casa da Ilha da Madeira (1969), o Arouca São Paulo Clube (1979), a Casa dos Açores (1980), a Associação dos Poveiros de São Paulo (1991), a Casa de Brunhosinho (1991), a Sociedade Gebelinense (1992) e a Casa Cultural Império do Minho (2003).

A Casa da Ilha da Madeira dispõe de um grupo folclórico de renome, que atua não só nos eventos promovidos por essa associação, como se apresenta, a convite, nas festas e comemorações de outras entidades e até na Casa de Portugal. Costuma festejar em São Paulo

16 Por ocasião da visita a esses dois órgãos do Consulado Português, as pesquisadoras efetuaram um levantamento de todas as fichas de imigrantes carenciados que tinham sido registrados no ano de 2010, constatando um total de 33 pessoas, sendo 14 do sexo masculino e 19 de feminino. O maior número era nascido na década de 40, originário principalmente dos distritos de Bragança, Funchal, Guarda e Viseu. A maioria veio para o Brasil na década de 60, sem instrução ou com nível educacional bem baixo. O trabalho que haviam desempenhado no Brasil era muito variado, geralmente no comércio, para os homens, e nos serviços domésticos, para as mulheres. Um terço veio jovem e sozinho, mas um pouco mais, com parentes. Todos sofrem de algum mal físico ou até de vários problemas de saúde, sendo auxiliados muitas vezes por amigos, vizinhos ou parentes.

São Martinho, protetor dos que bebem vinho. O Arouca é a que tem instalações mais espaçosas, funcionando como um clube de campo, com quadras esportivas e piscinas. Realizam periodicamente almoços muito concorridos, em que se serve um bacalhau feito pelas esposas dos diretores e muito apreciado por todos os presentes. A Casa dos Açores tem como foco a comemoração da festa do Divino Espírito Santo, seguindo a tradição da ilha Terceira, do arquipélago dos Açores. Essa festa conta com a participação de um grande número de pessoas de diversas origens, que residem na região em que está instalada a associação. A comemoração tem tanto um caráter religioso, como social, servindo para unir todos os envolvidos, que trabalham ativamente durante um bom período de tempo para que tudo saia a contento, e a comunidade circundante. A Associação dos Poveiros distingue-se pela fachada enfeitada com azulejos com motivos azuis, que lembram imediatamente a pátria de origem de seus frequentadores e pelos almoços mensais que organiza, em que estão presentes diversos pratos da culinária portuguesa. A Casa de Brunhosinho, embora não disponha de sede própria, ocupa no espaço que lhe é cedido para ensaiar constantemente seu rancho folclórico, ocasião em que se percebe a importância dada pelos participantes ao encontro semanal que reúne todas as famílias. A Sociedade Gebelinense, embora tenha sido fundada pelos originários de uma aldeia portuguesa de diminutas dimensões, consegue reunir em suas dependências na capital paulistana um grande número de apreciadores de seus almoços, especialmente na festa comemorativa de seu padroeiro, São Bernardino de Sena. A Casa Cultural Império do Minho surgiu tardiamente para ocupar o espaço deixado por sua antecessora que fechou suas portas há vários anos, a Casa do Minho. Priorizam o folclore, incluindo um rancho folclórico e a culinária portuguesa servida em suas reuniões periódicas.

IGREJAS

Um dos traços marcantes do povo português é a religiosidade. A santa de maior devoção dos portugueses é, sem dúvida, Nossa Senhora de Fátima que, em 1917, apareceu a três pastorinhos na cova da Íria (Portugal). Em São Paulo, em 1948, foi inaugurado o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, no bairro Sumaré, ponto de reunião de portugueses. Em todo dia 13 há reuniões festivas nas dependências dessa igreja, situada à Avenida Dr. Arnaldo, a festa mais importante ocorre no dia 13 de maio, data da primeira aparição de Nossa Senhora aos pastorzinhos. A festa inclui, primordialmente, a celebração de missas durante o dia inteiro, o que atrai, especialmente, os imigrantes portugueses e seus descendentes, mas também brasileiros de diversas origens. No pátio interno contíguo à igreja, são montadas barracas com quitutes próprios da tradição lusitana, como pastel de Santa Clara, bolinhos de bacalhau, alheiras, linguiças, caldo verde, entre outros; além de rezar para a padroeira de Portugal e

de consumir os quitutes da culinária do país de origem, a comunidade luso-brasileira de São Paulo aproveita a ocasião para confraternizar com os conterrâneos e se distrair, jogando bingo. Numerosas barracas, dentro e fora das dependências do santuário, vendem flores, velas e artigos religiosos, que são bentos continuamente pelos sacerdotes presentes, a pedido dos devotos. Uma pequena capela nesse pátio abriga imagens e as velas acesas pelos visitantes.

Outras igrejas em São Paulo contaram com a contribuição de portugueses para sua construção. É o caso da Igreja de N. Senhora do Caminho, padroeira de Mogadouro. A Igreja de São Domingos Sávio, no Parque São Domingos, era apenas um barraco, quando um grupo de portugueses decidiu construí-la, organizando atividades variadas para conseguir os recursos necessários para tornar viável essa obra. E a Igreja ficou pronta.

A Igreja N. Sra. Aparecida, na Vila Beatriz, é ainda hoje conhecida como "a igreja dos portugueses". Está situada em um dos três bairros formados com a subdivisão da chácara de um português, tendo recebido cada um o nome de uma de suas filhas: Vila Ida, Vila Beatriz e Vila Madalena.

A Igreja do Divino Espírito Santo, em Cerqueira César, foi também construída em terreno de uma chácara que pertencera a um açoriano. Teve sua origem na vontade de uma fervorosa devota do Espírito Santo que queria pagar uma promessa feita. Essa reunião de devotos do Espírito Santo teve por base o testemunho de fé de Francisca Cândida Borges Paim, portuguesa dos Açores (Ilha Terceira), casada com José Paim, moradores no Rio de Janeiro. Em certa ocasião, Francisca foi para Portugal, levando as duas filhas meninas de 9 e 7 anos e deixando o marido junto com outros parentes no Rio de Janeiro. Nessa ocasião estava grassando nas terras cariocas uma epidemia de febre amarela e também de peste bubônica. Por esse motivo, Francisca estava bastante receosa de deixar seus familiares à mercê de um risco tão sério para sua saúde. Assim, confiou a saúde daqueles que estava deixando ao Divino Espírito Santo, prometendo-lhe fazer uma novena se, ao retornar, encontrasse todos tão bem como os havia deixado. Ao regressar, verificou que, efetivamente, em decorrência de uma graça especial do Espírito Santo, nada de ruim havia se passado com os seus e se declarou devedora da prometida novena de ação de graças a seu poderoso protetor.

Aproximadamente em 1880, a família Paim transferiu-se para São Paulo, tendo se instalado no bairro Bela Cintra, à Rua Frei Caneca, numa casa própria quase fronteira à Rua São Miguel. José Paim foi o primeiro morador da Rua Frei Caneca, que no passado tinha o seu nome, como expressão de agradecimento dos moradores a seu espírito empreendedor e aos benefícios prestados por ele ao bairro.

No dia 4 de agosto de 1881, finalmente Francisca, com a colaboração de seu marido, pôde cumprir o voto prometido, convidando à sua casa os moradores da redondeza, em sua maioria açorianos, já devotos do Divino Espírito Santo. Foi grande a afluência de par-

ticipantes na novena, o que provocou grande alegria entre os presentes, não só pela oportunidade de rezarem e agradecerem em conjunto, mas também pela possibilidade de se verem reunidos tantos patrícios e amigos. Esse fato despertou nos presentes a vontade de repetir, todos os anos, a novena, o que passou efetivamente a ser feito com grande projeção e concorrência. A casa dos Paim já não podia mais abrigar tantos participantes, o que levou a se cogitar da construção de capela. Um dos presentes era Mariano Antônio Vieira, genro do casal Paim, que doou o terreno onde se encontra hoje a Igreja do Divino Espírito Santo. Essa capela foi inaugurada no dia 26 de agosto de 1887, com a bênção do Cônego Eugênio Leite, então vigário da Igreja da Consolação.

Com o falecimento do benfeitor Mariano Vieira, em 1901, sua viúva Maria Isabel, filha do casal Paim, doou a escritura do terreno, o que ratificava a doação do marido, e a Irmandade do Divino Espírito Santo pôde ser legalmente constituída a 6 de novembro de 1903. Como com o tempo também a capela se tornou pequena para o grande número de frequentadores da novena, foi lançada a pedra fundamental para a construção de uma igreja, no dia 19 de fevereiro de 1905. Ainda hoje é lá comemorada a festa do Espírito Santo, devoção dos açorianos, para o que é formada uma comissão para organizar os festejos litúrgicos e sociais, constituída por um juiz e uma juíza, pelos mordomos da Coroa e da Bandeira, sempre escolhidos em decorrência do exemplo de sua vida, dos méritos pessoais e a dedicação à Irmandade. Essa festa é uma recriação da festa original, que ocorre todos os anos nos Açores e lembra bastante a festa da Casa dos Açores, mas não chega a mobilizar tanta gente da comunidade circundante como nesta última, na Vila Carrão. Segundo seus organizadores, há uma troca com a associação portuguesa e uma parte das massas confeccionadas nesta é vendida para o pessoal da Igreja do Divino Espírito Santo para ser consumido em sua festividade.

A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE

Como se pode perceber da análise acima das principais instituições criadas pelos imigrantes portugueses na cidade de São Paulo, o resultado da imigração foi diverso. Os membros da comunidade luso-brasileira que moram na capital paulista encontram-se hoje em situação econômica variada: há os bens sucedidos, que conseguiram construir grandes empresas; há muitos em situação mediana, cuja maioria é proprietária de pequenas empresas comerciais (açougues, padarias, armarinhos etc.), mas há ainda outros que vivem em situação difícil, até mesmo de penúria, sendo atendidos pelo ASEC e ASIC e aqueles sem condições de sobrevivência por si sós são abrigados pelo Lar da Provedoria.

Os portugueses que alcançaram grande mobilidade social frequentam hoje a Casa de Portugal, participam dos almoços das quintas-feiras, visitam as exposições organizadas nes-

se local e fazem festas beneficentes para apoiar as organizações que auxiliam os mais necessitados. Aqueles que se situam em posição intermediária são os que frequentam as festas das associações regionais. E os mais carentes ficam à margem das atividades organizadas pela comunidade, bem como das próprias associações que, entre seus objetivos, tinham a finalidade de ajudá-los.

O ASSOCIATIVISMO E SEUS FRUTOS

Duas orientações foram observadas em relação às instituições criadas pelos imigrantes portugueses.

Instituições ligadas à *saúde* e ao *comércio* mostram uma maior adequação ao momento atual, mesmo porque, se não o fizerem, não terão condições de sucesso no mundo globalizado atual. Os hospitais de origem portuguesa cresceram e se atualizaram acompanhando o desenvolvimento dos congêneres. A Beneficência Portuguesa é um hospital de ponta, reconhecido no Brasil e na América Latina. Também cresceram os da Vasco da Gama e o do grupo Trasmontano. A Câmara de Comércio Portuguesa mudou o nome, o logo e a programação. Buscaram atrair para a Câmara os imigrantes que aqui estão chegando mais recentemente – a partir de 2008 –, reunindo-os e os auxiliando em sua inserção no mercado de trabalho.

De forma diversa agem as associações regionais. Seu objetivo é a união dos conterrâneos e a preservação das raízes. A programação tradicional inclui o culto ao santo padroeiro, festas que destacam a culinária, as músicas e o folclore regional. Organizam ranchos folclóricos, também com o intuito de atrair a nova geração e transmitir o amor a Portugal. Na programação das diferentes associações há ênfases diversas, como a *religião* na Casa dos Açores, o *folclore* e a *culinária* na Casa do Minho, o *relacionamento social* na Casa de Brunhozinho, o desejo de transmitir às novas gerações o *amor* e o *conhecimento sobre a terra de origem* dos pais. Mas, de modo geral, têm tido muita dificuldade para manterem as novas gerações interessadas em dar prosseguimento a tudo o que foi criado por seus pais e avós.

As histórias das instituições tratadas neste texto revelam de modo nítido a grande capacidade de trabalho dos imigrantes portugueses que aportaram no Brasil nas décadas passadas. Destaca-se todo o esforço que esses imigrantes foram capazes de fazer para amealhar recursos e alcançar o sucesso que almejavam quando saíram de sua terra natal. Embora nem todos tenham conseguido atingir esse objetivo, isso não invalida o empenho demonstrado nas atividades desenvolvidas e também para congregar os imigrantes assim como seus descendentes em torno das tradições e raízes lusitanas. Além disso, os mais afortunados deram contribuição para o bem estar dos conterrâneos menos afortunados.

IDENTIDADE

A identidade dos imigrantes portugueses manifesta-se tanto em si próprios como nas gerações subsequentes, sendo um sentimento vivenciado de formas diversas, nas diferentes camadas sociais em que se estratifica a comunidade.

Imigrantes da *elite* da comunidade enfatizam o Portugal heroico, o Portugal das descobertas, a coragem do povo português que enfrentava os mares com suas caravelas, fazendo um paralelo com a coragem do imigrante que deixa sua terra buscando um futuro melhor. Em várias empresas, a caravela é utilizada como símbolo para marcar a origem portuguesa. Outras camadas, aquelas que frequentam as associações regionais e apreciam os cantos, as danças folclóricas e a culinária de origem lusitana, colocam em destaque - tanto em sua casa como na sede das entidades regionais - objetos que trazem à lembrança a origem portuguesa e cultivam a devoção ao santo padroeiro de sua aldeia, manifestando assim, por meio desses traços, sua identidade. Buscam, com todo o empenho, transmitir às novas gerações o culto às raízes. Mas essa programação não parece ter mais apelo para os mais jovens. A identidade étnica portuguesa torna-se bem visível no apoio dado pelas empresas fundadas por imigrantes - por exemplo, Banif, Numatur, Real, Sindicato Sampapão, Euroville - às instituições da comunidade.

Cabe lembrar que, ao lado da valorização dos aspectos positivos, os imigrantes portugueses têm de enfrentar preconceitos na sociedade em que se inserem, expressos muitas vezes em estereótipos que teriam tido origem na pouca instrução daqueles que chegaram no passado. Contudo, ainda nos dias de hoje, em 2014, anedotas circulam na internet. Poderiam ser vistas como um ressentimento do colonizado para com o colonizador, como apontou o Cônsul de Portugal em São Paulo[17]:

No fundo, eu não vejo a piada sobre português como uma piada totalmente maligna. Eu acho que o brasileiro ri de si próprio. Quer dizer, quando fala uma piada sobre portugueses, está fazendo piada sobre si próprio. Porque a presença, o substrato deste país, é português também. E, portanto, eu acho que é um mecanismo de autodefesa. /.../ Como se costuma dizer, nós só brincamos com as pessoas de quem gostamos!

Um objetivo dos imigrantes era dar estudo aos filhos, conseguir que se formassem. Quase todos os entrevistados atingiram esse objetivo. Contudo, o estudo, a convivência com colegas e também o passar do tempo, levam a uma maior integração na sociedade envolvente, mas, por outro lado, a um maior distanciamento das raízes. As novas gerações relutam em participar da programação das associações regionais que, para eles, nascidos no Brasil, não têm o mesmo significado que para seus pais. Portugal não é sua terra, não são suas as lem-

17 Entrevista concedida às entrevistadoras em 06.11.2012.

branças; é a terra e são as lembranças dos pais e avós. O interesse das gerações posteriores pelo sucesso e continuidade das entidades fundadas por seus antepassados só parece ter se mantido no caso de instituições de sucesso, como a Beneficência Portuguesa, o Centro Trasmontano, a Sociedade Vasco da Gama, a Câmara Portuguesa e a Casa de Portugal.

Os que chegaram mais recentemente (a partir de 2008, quando a situação de Portugal piorou com a crise europeia do euro) também não se integram ou se adaptam nas associações regionais. Sua perspectiva é outra. Tem outra relação com Portugal, não procedem de aldeias, mas vieram em geral de centros maiores, com outra bagagem cultural. Veem um futuro por construir, da mesma forma como sonhavam aqueles que chegaram anteriormente e que já cumpriram sua trajetória.

Os portugueses que estão em São Paulo sentem-se portugueses, mas amam o país de acolhimento e não pretendem voltar, a não ser para visita, o que fazem sempre que possível. Vivem a ambiguidade de *ser português* no Brasil. Esta é a marca de sua identidade.

Continua, mais do que nunca, importante considerar e divulgar a contribuição dos portugueses para a cidade de São Paulo e para o Brasil.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, R. L. S., 1997. *Associativismo, capital social e mobilidade*. 2008. 566f. Tese (Doutoramento em Sociologia das Migrações) – Universidade Aberta de Lisboa, Lisboa.

CALDEIRA, J. *Beneficência Portuguesa de São Paulo*. São Paulo.

FREITAS, S. M., 2006. *Presença Portuguesa em São Paulo.* São Paulo: Imprensa Oficial/ Memorial do Imigrante.

HALL, Stuart, 2002. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. De Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A.

PARÓQUIA do Divino Espírito Santo, 2002. *Irmandade do Divino Espírito Santo*. São Paulo.

REAL e Benemérita Associação Portuguesa de Beneficência de São Paulo. *Hospital Beneficência Portuguesa, 150 anos – 1859-2009.*

ROCHA-TRINDADE, M. B., 1995. *Sociologia das Migrações.* Lisboa: Universidade Aberta.

__, 2006. Recriação de identidades em contextos de migração. In: LUCENA, C. R. T.; GUSMÃO, N. M. M. (Orgs.) *Discutindo identidades*. São Paulo: Humanitas/CERU, p. 75-90.

SAYAD, A., 1998. *A imigração ou os paradoxos da alteridade.* São Paulo: EDUSP.

VERDASCA, J. dos S, 1935. *A Casa de Portugal e a comunidade*. São Paulo: Edição do Autor.